

A INTERVENÇÃO DO CENTRO DE RESPOSTAS INTEGRADAS DE ÉVORA NO ÂMBITO DA REDUÇÃO DE RISCOS NAS FESTIVIDADES ACADÉMICAS

THE INTERVENTION OF ÉVORA CENTER FOR INTEGRATED RESPONSES IN THE REDUCTION RISK IN ACADEMIC FESTIVITIES

Hugo Rebello,¹ Jorge Bonito,² Sandra Ferro,³ Bernarda Cota,⁴ & Paulo Jesus⁵

¹ Bolseiro de Doutoramento em Ciências da Educação do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro. hrebello@hrebello.com

² Professor Auxiliar da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP) da Universidade de Évora. Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro. jbonito@uevora.pt

³ Técnica da Equipa de Prevenção do Centro de Respostas Integradas de Évora do Instituto da Droga e da Toxicodependência, IP. sandra.ferro@idt.min-saude.pt

⁴ Estagiária da Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Aberta no Centro de Respostas Integradas de Évora do Instituto da Droga e da Toxicodependência, IP. bernarda.cota@idt.min-saude.pt

⁵ Coordenador da Equipa de Prevenção do Centro de Respostas Integradas de Évora do Instituto da Droga e da Toxicodependência, IP. paulo.jesus@idt.min-saude.pt

RESUMO

O Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT) iniciou, em 2008, o processo de planificação e organização de um programa de intervenção no âmbito da redução de riscos no decurso das festividades académicas. Como complemento desta medida, o Centro de Respostas Integradas (CRI) de Évora, através da sua Equipa de Prevenção, dinamizou o projeto “Risca o Risco”, com o objetivo de reduzir e prevenir comportamentos sexuais de risco, consumo de drogas e outros comportamentos de risco verificados em contexto académico universitário, através da rendibilização de recursos e respostas que já existiam na comunidade, fomentando a intervenção em rede e potenciando a troca e partilha de práticas de referência entre as diversas organizações e entidades. Este trabalho dá conta da avaliação da intervenção no âmbito do referido projeto nos anos de 2009 e 2010, com base na análise da informação dos questionários da formação, aplicados aos estudantes que integraram as equipas de voluntários, e na apreciação final do projeto. Foram recolhidos 10 questionários em 2009 e 10 em 2010. Os principais resultados apontam para a elevada qualidade e importância atribuída à formação recebida e a possibilidade de a aplicar e partilhar com os pares. Os voluntários classificaram a experiência como muito positiva e sugeriram, como aspetos a melhorar, uma maior divulgação do projeto, o espaço destinado à equipa nos recintos académicos, ajustes nos horários de intervenção e a identificação dos elementos das equipas.

Palavras chave: prevenção; substâncias psicoativas; redução de riscos; intervenção.

ABSTRACT

The Institute for Drugs and Drug Addiction (IDT) introduced, in 2008, the process of planning and organize an intervention program in reducing risks during the academic festivities. To complement this measure, the Center for Integrated Responses (CRI), of Évora, through its Prevention Team, has spurred the project "Risk the Risk", in order to reduce and prevent sexual risk behaviors, drug use and other risk behaviors seen in the academic to promote the profitability of the resources and answers that already existed in the community, encouraging network intervention and enhancing the sharing of best practices between the various organizations and entities. This work gives account of the evaluation of the intervention in the context of the aforementioned project in the years 2009 and 2010, based on the analysis of the training questionnaires information, applied to the students who were on the teams of volunteers, and the final assessment of the project. 10 questionnaires were collected in 2009 and 10 in 2010. The main results point to the high quality and importance given to the training received and power to apply and to share it with peers. The volunteers rated the experience as very positive and suggested, as aspects to improve, a wider dissemination of the project, better space for the team in the academic precincts, adjustments in intervention schedules and better identification of the elements of the teams.

Keywords: *prevention, psychoactive substances, risk reduction, intervention.*

1. INTRODUÇÃO

A transição dos jovens do ensino secundário para o ensino superior produz um conjunto de novos e complexos desafios, próprios dos contextos, vivências e exigências que se geram nos vários domínios da vida (Almeida, Ferreira & Soares, 2000). Aos jovens no ensino superior exige-se maior autonomia e, conseqüentemente, mais responsabilidades. Esta metamorfose psicossocial constitui-se como uma nova fase de adaptação, com a criação de inovadoras respostas para lidar com o novo ou, em oposição, com um período de dificuldades, confusão e possível desorientação (Freitas, 2004). A vida académica marca-se, também, pelo tipo e qualidade das relações interpessoais que se estabelecem nos contextos do ensino superior. A vulnerabilidade do jovem ao stress e as condições do contexto para responderem às suas necessidades constituem fatores determinantes para o (in)sucesso da adaptação à nova realidade. Neste domínio, Almeida, Ferreira e Soares (2000) opinam que os recursos e estratégias pessoais desenvolvidos anteriormente são determinantes para o resultado da gestão das diferenças entre o projetado e o encontrado, para os mecanismos de ativação de resolução de problemas e para as funções de gestão pessoal, interpessoal e académica. A perceção das situações como difíceis ou demasiado exigentes, associada a baixas crenças de autoeficácia, podem desencadear desadaptação às atividades académicas, pessoais e sociais, com problemas de stress, ansiedade, solidão e problemas económicos (Agante, 2009). A integração dos jovens em redes sociais formadas por pares e amigos tem revelado efeitos de melhor adaptação aos contextos adversos. Os pares facilitam a transição, o alívio do stress e oportunidades para validação de uma nova identidade pessoal. As interações conduzem a uma aculturação e à identificação do jovem com o seu papel de estudante.

Nestes ambientes, onde os pares são assumidos como modelos, estimulam-se os membros a viver novas experiências e desafios audazes, com comportamentos de risco, pelo facto de se situarem na *borderline* da aceitabilidade, assumindo-se como normais o consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas e comportamentos sexuais desprotegidos ou práticas de violência, principalmente se em outras redes esses mesmos comportamentos forem distintos.

As festividades académicas (recepção aos caloiros, queima das fitas) assumem-se como momentos altos da vida do estudante do ensino superior, por marcar o seu batismo purificador na entrada no mundo do conhecimento e, por outro lado, a saída vitoriosa com um grau académico na mão. Nestes atos, os modelos (alunos mais velhos) são elementos estruturantes, pelo que alegadamente incitam os jovens a adotar comportamentos que se situam na *borderline* do risco, em rituais de iniciação, de integração e diferenciação. Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006) revelam que muitos jovens afirmam que fazem o que quer que seja, mas não com quem quer que seja, sendo um claro indicador do papel do grupo e da sanção

que existe sobre o abstinente, rompendo os elos que os unem aos demais do grupo de pares. Nesse sentido, Turner e Shepherd (1999) e Rodriguez e Fuente (2007) reconhecem as mais valias do recurso aos pares nas abordagens de redução de riscos, concluindo que: (a) este método é mais eficaz do ponto de vista dos custos; (b) esta abordagem é mais envolvente pela forma como implica os universitários; (c) os pares obtêm melhores resultados que os profissionais na transmissão da informação, uma vez que fica facilitado o processo de identificação; (d) os colegas podem constituir modelos de referência; (e) a educação pelos pares poderá ser benéfica para todos os que nada estão implicados; (f) esta abordagem tem mais probabilidades de ser aceite do que outras; (g) a educação pelos pares pode ser aí eficaz em situações em que os métodos convencionais não funcionam.

Conhecendo relativamente bem este contexto, o Instituto da Droga e da Toxicodependência, IP (IDT) iniciou, em 2008, o processo de planificação e organização de um programa de intervenção no âmbito da redução de riscos no decurso das festividades académicas, socorrendo-se dos Centros de Respostas Integradas (CRI). Os CRI são estruturas locais de cariz operativo e de administração, referenciados a um território definido. Dispõem de equipas técnicas especializadas para as diversas áreas de missão (prevenção, tratamento, reinserção). São unidades de prestação de cuidados de saúde em regime ambulatorio especializada, na área das toxicodependências e do álcool, gratuitas e confidenciais.

Como complemento da iniciativa do IDT, o CRI de Évora protocolando com Associação Académica da Universidade de Évora (AAUE), através da sua Equipa de Prevenção, rubricou em 2008 o projeto *Risca o Risco*, com o objetivo de reduzir e prevenir comportamentos sexuais de risco, consumo de drogas e outros comportamentos de risco verificados em contexto académico universitário, através da rendibilização de recursos e respostas que já existiam na comunidade, fomentando a intervenção em rede e potenciando a troca e partilha de práticas de referência entre as diversas organizações e entidades. O projeto *Risca o Risco* nasce, assim, em 2009, através da participação de várias entidades públicas e privadas com atuação nas áreas da educação e promoção da saúde, proporcionando vários olhares no que respeita à prevenção e redução de comportamentos de risco. Na composição deste consórcio identificamos: Associação "Olhar Positivo" – Associação para a Prevenção, Ação e Desenvolvimento Social e Humano; Associação Académica da Universidade de Évora; Delegação do Alentejo da Associação para o Planeamento da Família (APF); Administração Regional de Saúde pelo Centro de Aconselhamento e Deteção Precoce do VIH SIDA (CADE); Câmara Municipal de Évora; Comando Distrital de Évora da Polícia de Segurança Pública; Comando Territorial de Évora da Guarda Nacional Republicana; Delegação de Évora da Cruz Vermelha Portuguesa; Direção Regional da Educação do Alentejo; Direção Regional do Alentejo do Instituto Português da Juventude (IPJ); Associação para a Promoção de uma Cultura de Segurança Rodoviária (GARE); Governo Civil de Évora.

Com a assinatura da *Carta de Compromisso*, iniciou-se um período de construção de uma identidade e definição de alguns conceitos e práticas. Nesta linha, foi definido um Plano de Ação que contemplou momentos formativos dirigidos à comunidade e aos técnicos das entidades, elaboração de um *Guia de Recursos* composto pelas várias respostas existentes no concelho, relacionados com as temáticas de atuação das entidades inclusas no projeto. Foram dinamizados espaços de informação em vários certames, desenvolvidas atividades de comemoração de dias temáticos, realizados seminários e oficinas de formação, concebido um logótipo, um concurso de spots e iniciadas articulações com a Universidade de Évora no sentido da elaboração de um trabalho de definição de metodologias de avaliação das intervenções em redução de riscos.

O projeto *Risca o Risco* permitiu congregar num só espaço de ação/reflexão as principais organizações públicas e privadas com intervenção na área da prevenção, educação e promoção da saúde e constituiu um marco importante no trabalho preventivo dinamizado pelo CRI de Évora. Através desta dinâmica, foi igualmente possível comunicar para a comunidade a existência de uma nova cultura de trabalho em parceria. O atual quadro de constrangimentos e dificuldades socioeconómicas afetaram o funcionamento de grande parte das entidades que compõem o projeto. Assim, nesta sequência e no quadro das medidas de reestruturação do Estado, foram extintas cerca de 50% das mesmas. Aguarda-se, de momento, que sejam definidas algumas linhas de orientação no que diz respeito nomeadamente às áreas da Saúde, Juventude e Desporto.

A intervenção de pares, definida superiormente pelo IDT, pressupôs que o recrutamento de jovens fosse feito junto da população universitária. Dada a existência de um protocolo de colaboração entre o CRI e a AAUE, o processo de divulgação, mobilização e recrutamento dos voluntários foi entregue a esta entidade

em parceria com os Núcleos de Estudantes das Licenciaturas de Ciências de Educação, Psicologia, Sociologia e Enfermagem. A seleção final ficou sob a responsabilidade da Equipa de Prevenção do CRI, tendo por base os critérios de idade, experiência em voluntariado, motivações e disponibilidade. Para a qualificação destes voluntários foram definidas 24 horas de formação, abordando os seguintes temas: fenómeno da toxicod dependência; a intervenção em contextos recreativos e processos de comunicação; atitudes facilitadoras, intervenção em crise, organização e planeamento de intervenções. A componente prática da formação foi concretizada através da intervenção, sendo que cada voluntário deveria assegurar, obrigatoriamente, cinco horas.

No final do processo de formação, cada mediador teve direito a um *Certificado de Frequência de Formação Profissional* emitido pelo IDT. As equipas de intervenção, devidamente identificadas, foram constituídas por 4-5 elementos. Procurou-se que fossem mistas e abrangentes em termos das faixas etárias, sendo recorrente a participação de outros mediadores mais velhos e com maior experiência. Na sua organização, eram definidas funções que passavam pelo papel de liderança e coordenação, organização da informação a disponibilizar e anotador. Para apoio técnico e logístico estava definido, no recinto, um espaço físico de referência que tinha como objetivo a disponibilização de materiais, acondicionamento de técnicos, e realização dos momentos de supervisão.

Uma vez que estas ações eram integradas no projecto *Risca o Risco*, as equipas de voluntários puderam contar com materiais de outras entidades, tais como a APF, GARE, IPJ e CAD. Ainda numa lógica de educação pelos pares, a ação destas equipas era reforçada, no terreno, com outras respostas e abordagens dinamizadas por parte dos parceiros, nomeadamente no que toca às questões da prevenção rodoviária e planeamento familiar.

Esta experiência de voluntariado suscitou o interesse da Fundação Eugénio de Almeida, entidade responsável pelo Banco de Voluntariado de Évora, no âmbito de um estudo encomendado ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do ex Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. A pesquisa teve como objetivo o incremento das políticas de gestão e de promoção do voluntariado. Neste sentido, foi aplicado um questionário sobre voluntariado destinado às instituições do distrito de Évora (públicas e sector não lucrativo).

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Instrumento e participantes

Este trabalho, que reporta aos anos de 2009 e 2010, diz respeito aos dados recolhidos através de questionário, nas semanas académicas, nos períodos em que se verificaram as intervenções da equipa de voluntários. Os questionários de avaliação dos módulos de formação e da intervenção foram elaborados, respetivamente, pelo Núcleo de Formação do IDT e pelo Grupo de Intervenção no Ensino Superior (GIES) em estreita colaboração com o Núcleo de Redução de Danos do IDT. Contemplam genericamente os seguintes níveis de avaliação:

- Avaliação de Processo
 - Avaliação da Formação
 - Avaliação Final
 - Pelos profissionais do IDT
 - Pelos voluntários
- Perceção da intervenção pelo grupo alvo
 - Durante a semana académica (conhecimento da intervenção e grau de relevância)
 - Depois da semana académica (usando questionários enviados por correio eletrónico)

São apresentados neste artigo os resultados relativos às representações dos jovens voluntários, expressas no questionário de avaliação final. A componente qualitativa, de resposta aberta, consistiu em 5 questões: Q1 - “Quais os aspetos vividos como mais importantes?”; Q2 - “Quais os aspetos vividos como mais negativos?”; Q3 - “O que recebeu do projeto?”; Q4 - “O que deu ao projeto?”; e Q5 - “Que alterações

gostava de ver implementadas?”. No final, o questionário apresentava ainda espaço para serem deixadas sugestões ou comentários ao projeto.

O questionário de avaliação final foi, nos dois anos, enviado por correio eletrónico para os voluntários, que o devolviam preenchido pela mesma via. Foram devolvidos 10 questionários em cada ano, sendo que em 2009 o número total de voluntários era de 28, o que corresponde a 35,8% de taxa de retorno. Em 2010 participaram 15 voluntários, obtendo-se uma taxa de retorno de 66,7%. Como se pode observar na Tabela 1, as equipas de voluntários eram constituídas maioritariamente por mulheres, sendo que em 2010 apenas elas devolveram questionários:

Tabela 1 – Participantes

		2009	2010
Sexo	Masculino	1	0
	Feminino	9	10
TOTAL		10	10

2.2 Metodologia

As respostas foram tratadas com recurso à técnica de análise de conteúdo de Bardin (2009) e apresentadas em tabelas, com a indicação das categorias encontradas *a posteriori*, as unidades de registo definidas e as respetivas frequências absolutas e relativas (expressas em percentagens). Em cada tabela, para facilitar a visualização e otimizar o espaço disponível, são apresentados os resultados para os anos de 2009 e 2010. Para as sugestões avançadas pelos respondentes não foi construída uma tabela, por se julgar não pertinente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relativamente à questão Q1 - “Quais os aspetos vividos como mais importantes?”, foram obtidas cinco categorias: equipas de voluntários; formação; atuação entre pares; transmissão de informação; e experiência pessoal (Tabela 2):

Tabela 2 – Aspetos vividos como mais importantes

Categoria	Unidades de registo	2009			2010		
		F	Itens total	%	F	Itens total	%
Equipa de voluntários	Trabalho de equipa	3	6	23,1	-	5	20,8
	Companheirismo	1			-		
	Amizade/camaradagem	1			2		
	Simpatia	1			-		
	Sentido de responsabilidade com horários	-			1		
	Disponibilidade da equipa	-			2		
Formação	Conhecimento adquirido na formação	4	5	19,2	3	4	16,7
	Dinâmicas de grupo	1			-		
	Esclarecimento de dúvidas	-			1		
Atuação entre pares	Captar a atenção/aceitação dos colegas	1	6	23,1	2	8	32,3
	Interação entre pares	2			2		
	Diálogo com os estudantes	1			1		
	Sensibilização para a temática do projeto	1			2		
	Auxílio prestado	1			1		
Transmissão de informação	Partilha de informação	4	5	19,2	1	2	8,3
	Esclarecimento de dúvidas	-			1		
	Complementar a teoria com a prática	1			-		
Experiência pessoal	Sentir-me útil	2	4	15,4	-	5	20,8
	Diversão	1			1		
	Colaboração	1			-		
	Reconhecimento	-			1		

Experiência de vida/voluntariado	-		3	
Missing	0	0*	1	10,0*

* Percentagem de alunos que não responderam à pergunta Q1.

No total, foram obtidos 22 indicadores diferentes, distribuídos pelas 5 categorias definidas. Os dois indicadores com maior frequência (F = 4) foram encontrados em 2009, correspondendo a «conhecimento adquirido na formação» e «partilha da informação», parecendo indicar a importância atribuída à formação recebida e às informações prestadas aos jovens frequentadores do recinto académico. Em 2009, as categorias com maior percentagem de respostas foram a «equipa de voluntários» e «atuação entre pares», ambas com 23,1% de respostas, enquanto em 2010 a categoria «atuação entre pares» viu a sua importância reforçada, passando para os 32,3%. Assim, os voluntários parecem valorizar tanto os aspetos relacionados com a intervenção entre pares, confirmando as ideias de Turner & Sheperd (1999), como a própria atuação numa equipa composta por jovens que sabem trabalhar em grupo (2009 – F = 3), simpáticos, com companheirismo, amizade, disponibilidade e sentido de responsabilidade. É de salientar a importância da formação recebida (2009 – F = 5; 2010 – F = 4) e da partilha dessa mesma informação (2009 – F = 4). A «experiência pessoal» recebida com a participação no projeto foi assinalada por cerca de 21% dos respondentes em 2010.

Para a pergunta Q2 - “Quais os aspetos vividos como mais negativos” foram elaboradas quatro categorias (Tabela 3): entidades parceiras; contato com os estudantes; formação e logística.

Tabela 3 – Aspetos vividos como mais negativos

Categoria	Unidade de registo	2009			2010		
		F	Itens total	%	F	Itens total	%
Entidades parceiras	Falta de apoio de uma entidade	1	1	12,5		2	16,7
	Local da banca de divulgação	-			1		
	Pouca organização da AE com credenciais	-			1		
Contato com os estudantes	Desinteresse de alguns estudantes	1	5	62,5	5	6	50,0
	Dificuldade de atuar nas últimas horas	1			1		
	Estudantes muito alcoolizados/drogados	1			-		
	Desconhecimento sobre drogas	1			-		
	Primeiro contato	1			-		
Formação	Formação em tempo de aulas	1	2	25,0	-	0	0
	Local distante	1			-		
Logística	Cansativo preencher questionários	-	0	0	1	4	33,3
	Local torna difícil a atuação	-			1		
	Banca com poucos recursos físicos	-			1		
	Poucos membros por intervenção	-			1		
Missing		5		50,0*	3		30,0*

* Percentagem de alunos que não responderam à pergunta Q2.

Foram encontrados catorze indicadores, com a particularidade de em 2009 não ter sido referida a categoria «logística», e de em 2010 não ter sido mencionada nenhuma vez a categoria «formação». Em 2009, cinco voluntários não indicaram qualquer aspeto negativo, e o mesmo foi feito por 3 voluntários em 2010. Estes resultados indicam que os aspetos positivos se sobrepõem, claramente, aos aspetos negativos. A categoria «contato com os estudantes» foi a que recolheu mais opiniões desfavoráveis, com 62,5% em 2009 e 50% em 2010, tendo sido o indicador «desinteresse de alguns estudantes» o mais referido (2010 – F = 5). Os voluntários sentiram que nem todos os estudantes valorizavam a iniciativa, e que alguns deles já se encontravam em estados muito elevados de alcoolemia.

Em relação às entidades parceiras, em 2009, destaca-se o facto de um voluntário ter sentido, numa situação concreta, pouca ajuda por parte de dois agentes da Polícia de Segurança Pública, que disse não

estarem ao corrente da natureza do projeto, e, em 2010, o local da banca com informação foi referido como pouco indicado, para além de alguma desorganização na distribuição das credenciais por parte da AAUE. No que diz respeito à formação, as críticas surgiram associadas ao local e horário da formação, ambas em 2009, aspeto que foi melhorado em 2010 (a formação deixou de ser ministrada na sede do IDT, e passou a ser dada na AAUE).

Sobre os aspetos logísticos nas noites de intervenção, um dos voluntários referiu como negativo o preenchimento de questionários (questionário de conhecimento da intervenção e grau de relevância aplicado aos estudantes abordados pelo grupo). O local disponibilizado pela AAUE para instalar a banca de informação também recolheu uma resposta desfavorável, assim como a dimensão das equipas de intervenção e a quantidade reduzida de material informativo.

A análise de conteúdo da questão Q3 - “O que recebeu do projeto?” permitiu a construção de duas categorias, que já tinham emergido das respostas à Q1: formação especializada (2009 - 46,2%; 2010 - 34,8%) e “experiência pessoal” (2009 - 53,9%; 2010 - 65,2%), como se pode observar na Tabela 4:

Tabela 4 – O que recebeu do projeto

Categoria	Unidade de registo	2009			2010		
		F	Itens total	%	F	Itens total	%
Formação especializada	Informação	3	6	46,2	3	8	34,8
	Formação	2			-		
	Conhecimento	1			3		
	Competências	-			1		
	Aprendizagem	-			1		
Experiência pessoal	Concretização de um objetivo	1	7	53,8	-	15	65,2
	Sentimento de utilidade	1			-		
	Competências pessoais	-			4		
	Valorização pessoal	2			-		
	Experiência	2			2		
	Convívio	1			1		
	Experiência de intervenção	-			3		
	Espírito de equipa	-			3		
	Motivação	-			1		
Satisfação pessoal	-	1					

Em ambos os anos, os voluntários valorizaram, principalmente, a experiência pessoal ganha com a participação no projeto (10 indicadores), destacando-se o desenvolvimento de competências pessoais (2010 – F = 4) e a experiência adquirida (2009 – F = 2 e 2010 – F = 2). Os termos encontrados para a categoria «formação» são termos de significado muito próximo, e realçam a importância dos conhecimentos adquiridos.

Os voluntários foram, também, inquiridos sobre o que consideravam ter sido o seu contributo para o projeto (Tabela 5).

Tabela 5 – O que deu ao projeto

2008		2010	
Unidade de registo	Nº itens	Unidade de registo	Nº itens
Ajuda	4	Disponibilidade	4
Recursos humanos	2	Colaboração	2
Aplicação dos conhecimentos	2	Divulgação	1
Dedicação	2	Entrega	1
Empenho	2	Voluntariado	1
Tempo	1	Valorização	1
Interesse	1	Tempo	1

Confiança	1	
Disponibilidade	1	
TOTAL	16	11

Foram encontradas catorze unidades de registo, com uma frequência de 16 em 2009 e 11 em 2010 (1 *missing* em cada ano). Vocábulos como: «ajuda» (F = 4), «disponibilidade» (F = 4), «recursos humanos» (F = 2), e «colaboração» (F = 2), revelam que os voluntários consideram que dão ao projeto, fundamentalmente, a sua disponibilidade, quer física quer de tempo, e colaboração, ou seja, sentem que realizam a sua tarefa com empenho e qualidade.

A análise de conteúdo realizada à pergunta Q5 - “Que alterações gostava de ver implementadas?” resultou em 5 categorias e um total de 18 unidades de registo. Destaque-se que 90% dos voluntários, em 2009, responderam a esta questão, pese embora em 2010 apenas 30% o tenham feito (Tabela 6)

Tabela 6 – Que alterações gostava de ver implementadas

Categoria	Unidade de registo	2009			2010		
		F	Itens total	%	F	Itens total	%
Banca	Maior exposição	1	3	17,8	-	2	28,6
	Espaço maior	1			1		
	Espaço melhor sinalizado	1			1		
Formação	Horário	1	5	31,3	-	0	0
	Mais módulos	1			-		
	Mais dinâmicas de grupo	2			-		
	Local menos distante	1			-		
Divulgação	Mais atempada	1	1	6,3	-	5	71,4
	Mais alargada no tempo	-			2		
	Mais alunos	-			1		
	Alunos de mais cursos	-			2		
Parcerias	Maior apoio das entidades parceiras	1	2	12,5	-	0	0
	Mais parcerias	1			-		
Intervenção	Identificação	1	5	31,3	-	0	0
	Mais intervenções	1			-		
	Turnos mais alargados	1			-		
	Melhor gestão dos passes de entrada	1			-		
	Melhor gestão dos voluntários	1			-		
	<i>Missing</i>	1		10,0*	7	70,0*	

* Percentagem de alunos que não responderam à pergunta Q5.

Como já tinha sido referido anteriormente, na discussão dos resultados apresentados na Tabela 3, em 2010 surgiu novamente a opinião de projetar melhorias na banca de informação (28,6%), a nível da sua dimensão e correta sinalização. A categoria que registou mais itens foi «divulgação» (71,4%), sendo sugerido que sejam envolvidos mais alunos, de mais cursos, e que a intervenção tenha um período de duração superior. Em 2009 as respostas tinham sido bastante diferentes. Sugeriam que as melhorias se deveriam operar, principalmente, a nível da «formação» e da «intervenção» (31,3%, *ex aequo*). De facto, a análise prévia dos questionários em 2009, realizada pelo CRI, detetou precisamente estas necessidades, tendo imprimido as mudanças na edição de 2010, ao nível do local de formação, sendo compreensível a ausência de respostas nesta categoria no último ano em apreciação.

Por fim, os voluntários foram solicitados a apresentar sugestões de melhoria ao projeto. Em 2009 foram feitas seis sugestões:

- apostar na publicidade da campanha, tanto no recrutamento de voluntários como na presença na queima;
- identificação dos voluntários;
- mais agentes da autoridade envolvidos na ação;
- tornar o projeto maior (nacional)
- convidar mais pessoas com experiências para partilhar (na formação)
- haver uma estrutura mais central (banca de informação)

Em 2010 foram realizadas três sugestões:

- a intervenção podia feita a nível escolar (básico e secundário)
- o projeto deve apostar na intervenção como complemento da formação;
- criar campanhas de sensibilização pelos vários polos da universidade.

4. CONCLUSÃO

As festividades académicas constituem eventos marcantes na vida do estudante universitário, celebração da meta alcançada: a entrada no mundo do ensino superior e a saída com o grau académico. São, por isso, momentos de lazer, alegria, euforia e liberdade para serem colocados em ato um conjunto de ações que atingem, com frequência, a *borderline* do risco. Nestes ambientes, sob forte influência dos pares que integram os jovens em redes sociais, é frequente registarem-se consumos de substâncias psicoativas e assumirem-se comportamentos sexuais que colocam em risco o equilíbrio da saúde. A mediação por pares é, ao mesmo tempo, um programa e um processo. Constitui, por isso, um método de resolução e gestão alternativa de conflitos, regulamento socialmente e recompondo a prática das relações humanas (Luison & Valastro, 2004). O mediador é um educador social. Estimula a capacidade de reflexão do grupo onde atua, conduzindo à consciencialização dos efeitos e consequências dos seus atos, fornecendo elementos para a responsabilidade social. Este processo tem-se mostrado eficaz, mudando a forma como os alunos entendem e resolvem conflito nas suas vidas. As mudanças incluem melhoria da autoestima, a escuta e competências de pensamento crítico, e clima para a aprendizagem. Essas habilidades são transferíveis para fora da sala de aula como, por exemplo, contextos de consumo de substâncias psicoativas (Associação Humanidades, s.d.).

O projeto *Risca o Risco*, promovido pelo IDT, pretende proporcionar vários olhares relativamente à prevenção e redução do comportamentos de risco, investindo na mediação por pares. Este trabalho procurou analisar a avaliação realizada pelos jovens voluntários envolvidos acerca do processo de formação e da intervenção, nos anos de 2009 e 2010, na semana académica da Universidade de Évora. A informação recolhida, em questionário, revela a forte valorização que é atribuída à mediação por pares, confirmando as ideias de Luison e Valastro (2004). Destaca-se a qualidade da formação recebida e a partilha de informação pelos demais. Ainda assim, o contato com os estudantes pelos pares parece ter sido, ainda, o aspeto vivido como mais negativo, fosse por estarem demasiado alcoolizados, pelo seu desinteresse ou pelo desconhecimento sobre os tipos de substâncias psicoativas. Os voluntários referiram a experiência pessoal vivida como positiva, manifestando disponibilidade para este tipo de iniciativas. Porém, numa reflexão realizada, opinam que a formação deve ser mais alargada, com mais dinâmicas e que a intervenção necessita de uma logística de maior detalhe.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agante, D. (2009). *Comportamentos relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas durante as festas académicas nos estudantes do ensino superior*. Dissertação de mestrado (inérita). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Almeida, L., Ferreira, J., & Soares, A. (2000). Transição e adaptação à universidade: apresentação de um questionário de vivências académicas (QVA). *Psicologia*, 14(2), 189-208.

- Associação Humanidades (s.d.). *Manual de prevenção do uso de drogas para mediadores*. Lisboa: Humanus – Associação Humanidades.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boqué Torremorell, M. C. (2005). *Tiempo de mediación*. Barcelona: Editorial CEAC.
- Brandoni, F. (1999). *Mediación escolar. Propuestas, reflexiones y experiencias*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Freitas, H. (2004). *Adaptação do estudante do ensino superior e rendimento académico: um estudo com estudantes do primeiro ano de enfermagem*. Dissertação de mestrado (inérita). Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Freyssinet-Dominjon, J., & Wagner, A. (2006). *Os estudantes e o álcool: formas de beber na nova juventude estudantil*. Coimbra: Quarteto.
- Luison, L., & Valastro, O. M. (2004). Du processus aux pratiques de médiation. *Esprit critique*, 6(3), 3.
- Rodriguez, M., & Fuente, A. (2007). *Prevenção de toxicoddependências no ensino superior*. Beja: Instituto Politécnico de Beja
- Schabbel, C. (2002). *Mediação Escolar de pares. Semeando a paz entre os jovens*. s.l.: Willis Harmann House.
- Turner, G., & Sheperd, J. (1999). A method in search of theory: peer education and health promotion. *Health education research*, 14(2), 235-247.